

## Negacionismo e inocência em “Um inimigo do povo” de Hendrik Ibsen

*Todos los demás son culpables, salvo yo.* Céline

*“somos culpados por tudo e por todos”* Aliocha, personagem de *Os irmãos Karamazov*, de Dostoievski

Andréa Lisly Gonçalves<sup>1</sup>

### Introdução

Henrik Johan Ibsen (Skien, Noruega, 1828 – Oslo, 1906) é considerado um dos maiores dramaturgos do século XIX. Suas peças são encenadas, com grande sucesso, até os dias de hoje. Ibsen estaria para o teatro assim como o seu contemporâneo, o russo Fiodor Dostoievski (Moscou, 1821 – São Petersburgo, 1881), cujo bicentenário de nascimento acontece neste ano de 2021, estaria para o romance. Pela reputação que gozam, os dois os autores possuem uma fortuna crítica das mais expressivas da literatura universal. Não obstante tal constatação, a leitura que se propõe aqui de uma das peças de Ibsen, *Um inimigo do povo*, parece-nos original, em função da abordagem que será adotada e que tem como eixo central o quadro *Alegoria da calúnia*, de Irma Renault.

Irma Renault (1923-1995), de acordo com Walter Sebastião<sup>2</sup> foi “uma das mais singulares personalidades da cena artística de Belo Horizonte”. Talvez a principal características de sua obra foi combinar aspectos angelicais e demoníacos. Nas palavras da própria Irma Renault, remontando a uma passagem de Walt Whitman: “Se me livro dos meus demônios fico sem os meus anjos”. Junto ao poeta norte americano, ela também citava Dostoievski, sobretudo para rebater a sua classificação como pintora naïfe:

“Dizem que meu trabalho é ingênuo. Não sou. Já fui. [...] Não sou ingênuo porque li Dostoievski e compreendi o que é o ser humano, eu

---

<sup>1</sup> Historiadora e pesquisadora do Arterar.

<sup>2</sup> CARVALHO, Sebastião de. Irma Renault, pintora dos anjos e demônios. *Jornal Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 de out. 1995. Apud. BONINI, Ely (org.). *Antropologia da alegoria da calúnia*. Belo Horizonte: Arterar, 2010, p.18.

sei o que é o interior do ser humano, eu sou a voz subterrânea. O ser humano é cheio de contradições, tem coisas belas e coisas terríveis. [...]”<sup>3</sup>

A culminância de sua obra se dá com a referida *Alegoria da calúnia*, concluída em 1990. Irma Renault dedicou quase duas décadas para compor a versão final, abordando as várias figuras que a constituem, hora separadamente, hora em grupos menores. O empreendimento se deu no contexto do tratamento psicoterapêutico da artista sob responsabilidade dos médicos Ely Bonini e Jane Amélia Soares a quem coube o desenvolvimento teórico da abordagem, tratada no livro *Antropologia da alegoria da calúnia*, publicado em 2010. A esse respeito, esclarece Jane Amélia, “A obra *Alegoria da Calúnia*, de Irma Renault, configura-se como recurso importante para um tratamento ortopsiquiátrico. [...] o quadro representa nossas misérias ambientais, relacionais e mentais<sup>4</sup>.

O *A alegoria da calúnia*, por sua singularidade e universalidade, fornece um método para a análise de diferentes contextos e objetos, sejam os de natureza social, sejam os de ordem individual. Assim, eles, o quadro e a metodologia, nos parecem particularmente indicados para uma abordagem original de peça *Um inimigo do povo*, como proposta neste ensaio.

A associação entre a peça de Ibsen e o contexto em que vivemos, particularmente no Brasil, assolado pela pandemia do coronavírus e pelos desmandos de um governo de extrema-direita é imediata. Ainda que seja esse o pano de fundo incontornável da leitura que aqui se faz, o objetivo primordial é apontar as potencialidades de uma obra de arte para a percepção de como se instala o círculo da calúnia, representando na obra de Irma Renault, como ele se reproduz e quais seriam as possíveis alternativas para rompê-lo. Assim, a interpretação ultrapassa uma conjuntura específica e mostra suas possibilidades para a abordagem de relações interpessoais, psicológicas passíveis de comporem uma obra de arte, digna desse nome, como o é o teatro do dramaturgo norueguês:

“O quadro nos revela uma trama de sentimentos e atitudes representados de forma alegórica que nos possibilita imaginar percursos da ação de caluniar, dentre os quais: o caluniador, movido por ódio e vingança, imputa – imbuído de Má-fé – ações ou ditos a outrem, a fim de atingir a sua dignidade e destruí-lo como Pessoa.”<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Ibidem.

<sup>4</sup> Idem. p.58

<sup>5</sup> Texto Jane, p.58.

Apesar de procurar mobilizar as várias figuras da *Alegoria da calúnia*, que compõe o quadro, darei destaque especial à representação da *Inocência*. Até por esse motivo, a abordagem teórica irá se valer, também, de algumas considerações sobre o tema atualíssimo do negacionismo, com o destaque para o chamado “negacionismo inocente”.

Após apresentar uma pequena biografia do autor e do contexto em que desenvolveu a sua obra e de sumarizar a trama de *Um inimigo do povo*, darei destaque, ainda que não exclusivamente, às situações em que os personagens, flagrantemente, sobretudo o protagonista, são levados a “brincar” de inocência em uma situação limite, como a de uma cidade ameaçada pela contaminação de suas águas.

### **O teatro de Ibsen: do singular ao universal**

Hendrick Ibsen nasceu na cidade portuária de Skien, na Noruega, no ano de 1828. Considerado o pai do realismo no teatro, sua primeira peça, *Catilina*, foi inspirada nas revoluções populares que sacudiram a Europa, as “revoluções vermelhas”, de 1848<sup>6</sup>. Uma de suas peças mais conhecidas é *Casa de bonecas* em que a personagem Nora Helmer, uma feminista *avant la lettre*, se insurge contra a condição das mulheres de sua classe, a pequena burguesia, numa sociedade patriarcal.

---

<sup>6</sup> Tais revoluções teriam repercutido no Brasil, principalmente em Recife, na denominada Revolução Praieira. Sobre a revolução e o partido da Praia ver: CARVALHO, Marcus Joaquim M.



Casa de bonecas, de Henrik Ibsen, adaptada por Frank McGuinness, KU Theatre (University of Kansas).

O percurso da obra de Ibsen vai da construção de personagens calcados em pessoas comuns, em enredos que tratam de situações concretas do cotidiano, em linguagem coloquial para, mais tardiamente, abordar questões consideradas mais simbólicas, abordando temas universais<sup>7</sup>. A peça *Um inimigo do povo*, escrita em 1882, talvez marque a transição entre os dois estilos do autor. Ela conjuga personagens em cenas cotidianas e é escrita em linguagem simples. A construção de personagens com características bem delineadas, representativos de determinados grupos ou de personalidades um tanto rígidas, lembra o estilo naturalista. O que não impede que apresente profundos dilemas éticos, envolvendo, sobretudo, o exercício do poder que, por continuarem atuais nos dias que correm, apontam que as questões ali tratadas se vinculam também à fase mais madura do escritor.

---

<sup>7</sup> CEBULSKI, Márcia Cristina. Introdução à história do teatro no ocidente dos gregos aos nossos dias. Paraná: Unicentro, s/d.



A primeira página original da peça *En folkefiende* (Um Inimigo do Povo), escrita por Henrik Ibsen, em 1882.

### **Crise sanitária e negacionismo: quem são os inimigos do povo?**

Ao leitor da segunda década do século XXI, nada pode soar mais atual do que uma história ficcional ambientada em um contexto que envolve uma crise sanitária. A leitura de *Um inimigo do povo* nos remete imediatamente às questões, sobretudo as que se relacionam às disputas e ao exercício de poder que envolvem a abordagem da sindemia<sup>8</sup> de SARS-CoV 2, o coronavírus, que se prolonga, a essa altura em que se escreve esse ensaio, abril de 2021, há mais de um ano.

Na realidade, como na ficção, um dos temas que ganham relevância é o do chamado negacionismo. Historicamente, o conceito ganhou contornos mais claros a partir das teses que surgiram, principalmente na década de 1970, para negar o genocídio judeu na segunda grande guerra, ainda que as teses nesse sentido datem dos anos 40 do século XX. Também chamadas de teses revisionistas, os autores que se dedicaram a desmentir os cálculos do número de judeus mortos em campos de extermínio – e não apenas de judeus, mas também de minorias como os ciganos e os homossexuais, de militantes políticos, como os comunistas e de prisioneiros de

---

<sup>8</sup> O termo sindemia tem sido empregado para significar “o conjunto de problemas de saúde interligados, envolvendo duas ou mais complicações que se interagem de maneira sinérgica e contribuem para a carga excessiva de doenças em uma população”. <https://dasa.com.br/blog-coronavirus/sindemia-covid-19>

guerra soviéticos – estimado em torno de seis milhões, pertencem a vertentes políticas de extrema-direita.

Um dos mais notórios é o norte americano Artur Butz que, no livro *The Hoax of the twentieth century* (o embuste do século XX), emprega métodos que vão da desvalorização dos depoimentos dos sobreviventes dos campos de concentração, da distorção das fontes, do abrandamento dos crimes cometidos pelos nazistas ao realce dos crimes de guerra, praticados pelos aliados como se esses tivessem ocorrido, nas proporções e na intencionalidade, de forma semelhante aos praticados pelo governo do Führer.

As teses negacionistas também foram, e continuam sendo, utilizadas para negar, por exemplo, o genocídio armênio (1915), apenas recentemente reconhecido pelo governo estadunidense de Joe Biden. As políticas negacionistas, sobretudo as de estado, flertam incansavelmente, e muitas vezes consumam a união, com a necropolítica<sup>9</sup> ou a política suicidária<sup>10</sup>, disposta que está a eliminar as parcelas da população invisibilizadas, mesmo que a sua presença e degradação econômica seja gritante, como no caso das mulheres e dos homens pertencentes a etnias não dominantes, dos imigrantes, dos refugiados<sup>11</sup>. Com ela erigem-se governos e estados que admitem a sua própria destruição se assim for necessário para o extermínio daquele que é considerado “o inimigo”. Que ecoa as palavras ditas por Adolf Hitler: “se a guerra está perdida, que a nação pereça,”.

Os negacionismos, assim no plural, se vinculam à recusa ao reconhecimento da realidade, na grande maioria dos casos, com o objetivo de se obter ganhos políticos e materiais. Nem todo negacionista recusa *a priori*, o conhecimento científico, como vimos acima, com o exemplo de Artur Butz. Ao contrário, se apropria dele de forma bastante peculiar. Utiliza os seus métodos de forma destorcida, apenas aparentemente em consenso com a comunidade científica e seus procedimentos, para dar credibilidade às suas proposições, perpassadas por ideologias conservadoras, totalitárias. O objetivo de muitos deles, entre os quais

---

<sup>9</sup> MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N. 1 edições, 2018.

<sup>10</sup> Paulo Virilio em entrevista a Eduardo Febbro. *Jornal Página 12*. Paris, 20 de nov. 2010.

<sup>11</sup> Entende-se aqui que o homem branco, rico e heterossexual, por mais discursos que existam em contrário, não é nada mais, nada menos, do que uma etnia. O sofisma de que seria o sujeito universal, numa construção que remonta ao iluminismo, não resiste aos embates atuais que visam à superação dos dispositivos de domínio, amadurecidos pelo sistema capitalista.

ressalta o médico Didier Raoult, que defendeu métodos como o tratamento precoce para a covid-19, na França<sup>12</sup>, e depois se retratou publicamente, é o de obter notoriedade e, com isso, ganhos materiais.

Um exemplo de como o negacionismo, ao alcançar repercussão, se torna contrário aos interesses das coletividades é o de quando seus trabalhos que, por assim dizer, remedeiam os métodos da ciência, concorrem contra a adoção de políticas reparadoras aos grupos humanos que sofreram processos de perseguição e extermínio. Um caso muito próximo à realidade brasileira é o da diáspora africana. Calcula-se que cerca de 11 milhões de africanos foram retirados à força do continente de origem, entre os séculos XVII e XIX, 4 milhões deles destinados ao Brasil. Negar o fenômeno faz parte das estratégias que renegam políticas temporárias de reparação, como as adotadas com êxito nos EUA e que apenas timidamente se insinuam no Brasil, país em que a política de cotas têm encontrado enorme resistência.

Uma última observação antes de voltarmos à peça de Ibsen, num primeiro momento, à luz do negacionismo. Nem todo negacionismo é fruto da militância e da má fé de supostos cientistas e acadêmicos. Muitas pessoas comuns aderem a teses contrárias à esfericidade da terra, por exemplo, não apenas por mera manipulação de cientistas mal-intencionados, ainda que ela esteja na base da difusão de teorias desse tipo. Tanto é assim, que foi cunhada um conceito, sem dúvida polêmica, de “negacionistas inocentes” para nomear aquele grupo:

“Ainda que os negacionistas históricos elejam preferencialmente grandes eventos traumáticos, como genocídios e outras formas de horror estatal e violações dos direitos humanos, a forma mais difundida de negação é a chamada “negação inocente”, que pode se manifestar de várias formas”.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> CORRÊA, Marilena Cordeiro Dias Villela; VILARINHO, Luiz e BARROSO, Wanise Borges Gouvea. Controvérsias em torno do uso experimental da cloroquina/hidexicloroquina contar a Covid-19: “no magic bullet”. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30(2), 2020.

<sup>13</sup> VALIM. Patrícia Valim e AVELAR, Alexandre. Negacionismo histórico: entre a governamentalidade e a violação dos direitos fundamentais. *Revista Cult*, 3 de setembro de 2020. <https://revistacult.uol.com.br/home/negacionismo-historico/>

Em geral, tais negacionistas proveem das classes médias empobrecidas dos países centrais, e daqueles nem tão centrais assim. A desilusão desses grupos com o que chamam de *mainstream* – cientistas, acadêmicos, governantes situados no espectro político do centro e da esquerda – levam-nos a aderir às teses negacionistas por revanche, por traduzirem a ideia de conservação, cara a grupos que se veem ameaçados de perderem posições e irem se somar aos trabalhadores precarizados do capitalismo de plataforma. O descrédito com a política, inclusive pelas próprias características que assumiram as burocracias partidárias em vários países, é a marca desses setores, criada ou potencializada por aqueles indivíduos, anteriormente citados, de negacionistas históricos.

É claro que tudo isso não se afirma sem uma boa dose de credulidade, ignorância e desconfiança, uma das principais tríades que compõe a obra pictórica de Irma Renault. Um bom exemplo de “negacionistas inocentes” são os coletes amarelos (*gilets jaunes*) que, na França anterior à pandemia, se reuniam, invariavelmente, nas ruas de Paris, com uma pauta de reivindicações difusas que, no Brasil, se traduziria no jargão “contra tudo isso que aí está”. Ou aqueles grupos que retiraram seu apoio ao partido Democrata, nas eleições de 2016, por julgarem que a então candidata, Hilary Clinton, tratava como “lixo” (o termo é mesmo esse: *garbage*) todos os que se voltavam contra as pautas identitárias. As mesmas pautas que ameaçavam as posições dos grupos que, sem dúvida, também se ressentiam da concentração, sem precedentes, do capital, sobretudo em sua modalidade financeira, no capitalismo neoliberal, mas que, com a “ajuda” dos “negacionistas clássicos”, voltavam suas baterias contra as parcelas que poderiam se beneficiar das políticas de inclusão, ou se viam ameaçados pela chegada de levas de imigrantes do oriente médio e da África. Sobre esses últimos, os discursos de extrema-direita, com sua forte carga de xenofobia pareceriam, sem dúvida, mais eficazes.

O que toda essa discussão em torno das questões contemporâneas pode ter a ver com uma peça escrita nas décadas finais do século XIX? A resposta que sugerimos é a de que a forma como o fenômeno do negacionismo aparece em *Um inimigo do povo*, pode ajudar a agregar exemplos do fenômeno, a partir ficção, atribuindo-lhe um valor universal que perpassa diferentes períodos da história.

## **A trama**

A trama se desenrola numa cidade balneária do interior da Noruega. As personagens principais se apresentam, essencialmente, a partir de suas ocupações e consequentes posições dentro da sociedade local. O protagonista, o médico Tomas Stockmann, tem preocupações científicas em torno da qualidade da água do balneário que, por suas qualidades e uma engenhosa campanha de imprensa, antecipa a prosperidade que se avizinha da pequena localidade.

O Dr. Stockmann vive no seio de uma família bem constituída, uma esposa dedicada ao lar e aos filhos, mas, nem por isso, subordinada aos assuntos domésticos. A filha mais velha, professora, partilha as ideias progressistas do pai, é independente o que se evidencia pela sua formação e pelo fato de trabalhar fora de casa, ainda que numa ocupação, em geral, destinada às mulheres. A família se completa com dois filhos mais jovens, rapazes irrequietos e inteligentes, o prefeito da cidade, irmão do médico e o sogro de Stockman, o rico e avaro Morten Kiil.

Um grande destaque é dado ao papel da imprensa, que se pretende liberal, na figura de dois jornalistas e do dono do periódico. Além desses personagens há um representante da corporação de “homens bons do balneário”, sendo os seus representados, médios proprietários, uma pequena burguesia aferrada a seus interesses, reputados como gente “ordeira e virtuosa”, em suma “cidadãos de bem”. Há ainda um marinheiro, fiel aos valores defendidos pelo doutor e que o acompanha até o fim.

O ponto central da trama é o resultado da investigação do médico sobre a qualidade das águas do balneário. Ele foi um entusiasta das potencialidades econômicas da cidade, na atração de turistas pela notoriedade que as águas da região vinham adquirindo. Porém, ao enviar amostras da água para os especialistas é constatado que ela estava contaminada e, forçosamente, comprometeria a saúde daqueles que frequentassem o local.

Nesse ponto, inicia-se a trajetória do médico, a princípio crédulo, supondo que a simples declaração da poluição das termas seria suficiente para que todos os

recursos públicos, num montante significativamente alto, fossem dirigidos para sanar o problema e que a maioria da população local estaria de acordo que o problema deveria ser sanado, já que colocaria em risco muitas vidas. Não contava que os personagens destacados da história, à volta com seus próprios interesses, iriam lhe opor obstáculos, já que, principalmente os negócios, já seriam abalados pela “simples” divulgação do fato da contaminação das águas.

O grosso da trama se desenrola, então, pelo enfrentamento do negacionismo não apenas de figuras como as portadoras de interesses bem definidos, como os jornalistas, o prefeito, mas dos cidadãos comuns, do povo para quem Stockman passaria a ser visto como inimigo.



Dr. Stockmann, representando por Marcelo Escorel, em peça encenada no Teatro Centro Cultural do poder Judiciário, Rio de Janeiro, 2013.

### **A sedução da inocência**

A primeira cena da peça que interessa a esse trabalho é aquela em que Stockmann mostra sua inocência e credulidade em relação à reação do irmão prefeito à notícia de que as águas da estação estariam contaminadas<sup>14</sup>. A filha, Petra, tenta alertá-lo, perguntando o que o tio Peter acharia da notícia. Sem hesitar o doutor responde “O que você imagina que ele vai pensar? Acho que ele deveria ficar

---

<sup>14</sup> O exemplar de *Um inimigo do povo* aqui utilizado é o publicado pela L&PM, de 2001.

feliz e aliviado ao ver revelada uma descoberta tão importante”. Mesmo que o verbo esteja no condicional, o emissor parece não ter dúvidas de que o irmão saudaria a novidade. Nas passagens seguintes ele demonstra não ter dúvidas de que o povo e a “opinião pública”, nesse último caso, informada pela imprensa, estariam ao seu lado.

Na peça fica claro o momento em que as figuras da calúnia começam a se mover a partir de murmurações. O curioso é que quem dá o ponto de partida para girar a roda da calúnia é a filha do médico, que de forma também inocente, revela ao avô que a água estava contaminada. Morten Kiil é dono de um curtume e, de forma dissimulada, fazia-se passar por pobre, apesar de ser a pessoa mais rica da cidade. Sua primeira reação ao saber das investigações do genro foi a de dizer que ele estava “tramando uma conspiração”, um passo para enredá-lo em uma campanha difamatória. Em outra passagem da peça, é o prefeito, irmão do dr. Stockmann, que se refere abertamente à circulação de boatos pela cidade a partir da insistência do médico em revelar a verdade sobre a insalubridade das águas que atraíam tantos turistas. Ocorre aquilo que Jane Amélia descreve como a disseminação da calúnia:

“[...] o caluniador, movido por ódio e vingança, imputa – imbuído de má-fé – ações ou ditos a outrem, a fim de atingir a sua dignidade e destruí-lo como Pessoa. A Calúnia, como manipulação, se propaga veloz e arrebatadora como um redemoinho, girando em torno de um centro vazio – a falsidade – permanentemente alimentado por ressentimentos: uma vontade destruidora que se manifesta em maledicências, se encontra com a baixa resistência de ouvido acríticos e crédulos em estado de cegueira e alienação. Este encontro – da vontade de destruição com a alienação – cria vórtices aprisionantes. Entramos em estado de vertigem, neblinados e fascinados pelo mal”.<sup>15</sup>

Aos poucos, o Dr. Stockmann vai se conscientizando dos intrincados interesses que envolvem o assunto e deixa sua posição inocente para denunciar a fraude que os negacionistas estavam sustentando. Aqui, temos um exemplo do tipo de negacionismo que abordamos no item anterior: aquele nada inocente, que aufere lucros ao negar os fatos, na peça representado pelo prefeito, irmão de Stockmann. Os diálogos são reveladores e valem a pena ser reproduzidos. O prefeito nos lembra, pelos seus hábitos, a figura que Eric Fromm define como aquela em que a destrutividade se manifesta na vida espartana e metódica<sup>16</sup>. Além disso, fica nítida a

---

<sup>15</sup> SOARES, Jane Amélia. A alegoria da calúnia de Irma Renault à luz da ortopsiquiatria humanística. In: BONINI, Ely (org.), op. cit. p.58.

<sup>16</sup> FROMM, Eric. *Anatomia da destrutividade humana*. LTC, 1979.

sua personalidade autoritária<sup>17</sup>, seja pela submissão ou pela tentativa de sujeição dos que estão à sua volta, pelo respeito à hierarquia, como quando acusa o irmão de ser hostil e, com isso, não respeitar as autoridades, alcunhando-o de “subversivo”:

“Prefeito – Pelo que vejo você está novamente querendo descarregar a sua agressividade. Rebelar-se contra os seus superiores. É costume antigo seu. Você não pode suportar nenhuma autoridade superior. Você olha com aversão todos os que estão acima. E logo você o encara como um inimigo pessoal – e passa a atacá-lo com todas as armas possíveis. Mas, agora, você está a par dos interesses que estão em jogo. São interesses da cidade, e, por consequência, um assunto pessoal para mim. Por isso o previno, meu caro Thomas, de que serei inflexível no que exijo de você”<sup>18</sup>.

O prefeito afirma que não se recusa a examinar o assunto da poluição das águas, desde que isso não implique em gastos para o erário municipal. No que o médico reage perguntando se o irmão acha que ele compactuaria com aquela farsa:

“Prefeito – Uma farsa?  
Dr. Stockmann – Sim, isso seria uma farsa, uma fraude, uma mentira, um verdadeiro crime contra o povo, contra a sociedade!”<sup>19</sup>

A menção à fraude, ou à má fé, nos remete à figura de mesmo nome que compõe o quadro da calúnia associada, na obra à própria inocência e à hipocrisia.



Jonathan Cullen (Aslaksen) and Hugh Bonneville (Dr Tomas Stockmann)

<sup>17</sup> ADORNO, Theodor W. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Unesp, 2019.

<sup>18</sup> IBSEN, Henrik. Op. cit. p.48.

<sup>19</sup> Idem, p.45.

in *An Enemy Of The People* by Ibsen in Chichester, 2016. Photograph:  
Tristram Kenton/The Guardian

Os diálogos seguintes entre o prefeito e o irmão mostram como, em nome dos interesses, sobretudo materiais, o negacionismo atinge a mais acabada má-fé, uma vez que a negativa é feita mesmo que se reconheça a verdade dos fatos. A passagem revela o momento em que o dr. Stockmann percebe sua inocência, que se confunde com a ingenuidade, e passa a contestar, abertamente, o prefeito quanto à sua pretensão de manter em segredo as informações sobre a contaminação das águas da estação balneária:

“Dr. Stockmann – E o que você quer de mim?

Prefeito – [...] Só nos resta uma coisa! É indispensável que você faça um desmentido público!

Dr. Stockmann – Desmentido? Não estou entendendo.

Prefeito – Você pode dizer que, depois de conhecer o resultado de novas análises, chegou à conclusão de que o caso não é tão grave como havia julgado.

Dr. Stockmann[...]vou denunciar todos os erros que vocês cometeram e que cedo ou tarde todo mundo vai saber!”<sup>20</sup>.

Essa não é a única passagem da peça em que má fé se revela em toda a sua expressão. Em outro diálogo, agora entre a filha do protagonista e um jornalista do jornal local, Petra informa a sua decisão de não traduzir determinada obra porque ela sustenta teses falsas, a mais destacada a de que os bons são sempre premiados por suas atitudes e arremata dizendo “o sr. sabe que na realidade não é assim”<sup>21</sup>. Ao rebater sua decisão, o jornalista não o faz defendendo o valor do conteúdo da obra e sim afirmando que, apesar de não acreditar em uma só palavra do livro, julga seu conteúdo “bem ao gosto do povo” e prossegue afirmando que, ao se deparar com um conteúdo tão “moralista assim” será fácil o leitor se convencer das ideias políticas publicadas na matéria ao lado...

O comportamento do inocente dr. Stockmann do início da peça, que julga que suas descobertas, por visarem o bem público, seriam aceitas e festejadas por todos não passa despercebido à sua esposa. Em áspero diálogo com o marido, ela

---

<sup>20</sup> Idem, pp.48 e 51.

<sup>21</sup> Idem, p. 64.

afirma “sei perfeitamente que você é o homem mais inteligente da cidade, mas, por outro lado, Thomas, é o que se deixa enganar com mais facilidade”<sup>22</sup>.

Ao final da peça fica clara a importância que a superação de atitudes inocentes tem para o reconhecimento de que nos encontramos enredados no círculo da calúnia, o que permite que lutemos contra ele. Ainda que a ênfase desse ensaio tenha recaído sobre a inocência, na peça encontram-se presentes a maioria das figuras que se movimentam e geram o círculo infernal da calúnia, com destaque para a ignorância, a desconfiança, a credulidade e a má fé.

### **Considerações finais**

A perenidade de uma obra de arte é o atestado da sua qualidade. Até por isso, não se teve por objetivo reduzir a peça *Um inimigo do povo* à realidade mais imediata que enfrentamos hoje. Em todo o caso, é importante destacar a recorrência de atitudes, no final do século XIX, como agora, que revelam como os interesses materiais, a defesa de interesses escusos, a manutenção de políticas necrófilas ou suicidárias tendem a conflitar com atitudes de enfrentamento da realidade que levem em conta parâmetros objetivos como aqueles de que a ciência dispõe.

Do que se depreende que a objetividade na avaliação, exigida em situações limite como as emergências sanitárias, resultam em ações políticas, em posicionamentos, em alinhamentos. Insinuam-se, então, os falsos dilemas usados para inverter situações que ocultam, sob o falso argumento de promoção do bem comum, os interesses mais mesquinhos e individualistas. O que fica explícito, mais uma vez, em diálogo do médico com o irmão. O prefeito pergunta ao doutor se ele, de fato, “ama a cidade” já que quer “destruir sua principal fonte de riqueza”. Ao que o médico rebate argumentando que as fontes estão envenenadas e acrescenta “Nós vivemos de um comércio de imundícies e de veneno! Essa riqueza tão promissora está baseada numa mentira!”. A resposta do irmão (Peter) não poderia ser mais

---

<sup>22</sup> Idem, p.75.

insidiosa: “Tudo isso são loucuras. O homem que emite tão odiosas insinuações contra a sua própria cidade não pode ser senão um inimigo da comunidade”.<sup>23</sup>

Aprendemos com Morin que toda situação é complexa. O que seria um truísmo se não nos colocarmos a questão de que a complexidade das situações exige de nós escolhas éticas que passam pela superação de atitudes inocentes que, como vimos, movimentam o quadro da calúnia. Até porque, como afirma Patrick Vignolis, com cuja citação encerro, provisoriamente, este estudo:

“A inocência, por exemplo, é bem um contrário da perversidade. Mas qual é o critério que nos permite julgar que essa inocência é real, que não é a aparência de uma realidade perversa? A perversidade envolve malignamente, perversamente seu contrário em seu próprio conceito e frustra as tomadas de razão e da lei”<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> Idem, p.52.

<sup>24</sup> VIGNOLIS, Patrik. *A perversidade*. Campinas: Papyrus, 1991, p..86.